

- Basta de violência misógina, racista e LGBTfóbica no campus, basta de omissão da reitoria!
- Pela expulsão dos agressores! Ampliação da iluminação do campus e a criação de comissões independentes que acolham e acompanhem as denúncias!
- Pela efetiva aplicação das cotas PPI para professorias!
- Pela realização do II Seminário de Negros e Negras da USP!
- Por uma reforma debatida com os 3 setores (estudantes, docentes e funcionários) para garantir acessibilidade dos alunos PCDs e banheiros agênero em toda a universidade e melhores condições de estudo!

POR UMA USP VERDADEIRAMENTE DEMOCRÁTICA!

A Universidade de São Paulo segue submetida a uma estrutura profundamente autoritária e centralizada. A escolha do reitor, ainda feita por meio de uma lista tríplice pelo governador do estado, perpetua esse modelo de poder excludente e antidemocrático. Neste semestre, caberá ao governador Tarcísio de Freitas, representante direto da extrema direita em São Paulo, definir quem comandará a maior universidade pública do país.

A abertura completa dos livros de contas da universidade também é fundamental: não se justifica que, com um caixa de R\$ 5,7 bilhões, a reitoria mantenha políticas de austeridade, cortes de bolsas e precarização estrutural. Essa lógica de gestão autoritária se sustenta também no braço repressivo da universidade: a Polícia Militar. A polícia, por sua vez, se volta contra as próprias estudantes, reprimindo manifestações, ocupando espaços e criminalizando militantes. A reitoria, em vez de combater as violências reais, reforça sua aliança com forças repressivas para sufocar o movimento estudantil. É necessário dizer basta: fora PM da USP!

- Diretas paritárias para reitor e fim da lista tríplice! Por uma estatuinte livre, democrática e soberana!
- Pela abertura do livro de contas da USP!
- Fora PM da USP! Basta de criminalização do movimento estudantil! Pelo arquivamento dos processos contra estudantes e fim do regimento disciplinar da ditadura!
- Em defesa dos espaços estudantis, festas e atividades culturais!

PELA REFUNDAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL!

O movimento estudantil sempre foi, historicamente, a ponta de lança de grandes mobilizações sociais e contra toda forma de opressão e exploração dentro e fora das universidades. Na USP, esse papel de vanguarda também ecoa com força: desde a Batalha da Maria Antônia em 1968 até a mobilização massiva em 2007, junho de 2013, e mais recentemente o tsunami da educação contra os cortes do governo Bolsonaro.

Diante do atual contexto político, enfrentamos uma frente única contra a educação pública: Desde o governo Lula-Alckmin que submete a educação ao austericídio do Arcabouço Fiscal, a extrema direita de Tarcísio e Nunes com sua agenda de privatizações até as reitorias que cada vez mais aprofundam o projeto elitista.

Para enfrentar esse cenário, temos como desafio superar as direções reformistas e burocráticas, que freiam a luta em prol de seus próprios interesses. A esquerda da ordem, como as juventudes do PT, UJS/PCdoB e a Juventude Sem Medo/PSOL, setores majoritários que dirigem a UNE, maior representação estudantil a nível nacional, atuam como representantes do governo de Lula-Alckmin, desmobilizando as lutas nas ruas, e agindo com passividade frente aos ataques à juventude e classe trabalhadora.

Nesse cenário, a atual direção do DCE na USP — composta por Juntos/PSOL, Correnteza/UP e seus satélites — tem se mostrado insuficiente e atuado, na prática, como uma força de contenção diante dos enormes desafios colocados. Isso acontece, porque este setor não representa uma alternativa real ao governoismo, já que se nega a se colocar como oposição de esquerda ao governo Lula 3, além de tampouco romper com os métodos burocráticos e imobilistas que leva adiante o lulismo na direção da UNE.

No início deste ano, em meio a uma conjuntura grave na USP, essas correntes se mantiveram inertes. Mesmo diante de lutas nacionais e internacionais fundamentais, a direção não convocou nenhuma assembleia geral de estudantes por mais de seis meses. Essa passividade revela não apenas uma aposta na conciliação, mas um abandono consciente da organização coletiva e da mobilização de base. Além disso, após as importantes mobilizações e campanha pelas cotas trans e vestibular indígena na USP, estas direções, sem ter materializado avanços reais na aprovação das reivindicações, tomaram promessas de reuniões com a reitoria como

grandes vitórias, ação que desmobiliza es estudantes e cria desconfiança com o movimento.

Por fim, é necessário apontar que muitas vezes essas correntes do trotskismo independente, como es companheiros do Rebeldia/PSTU e Faísca/MRT caem em um sectarismo e economicista, abrindo mão da tarefa urgente de unificação das esquerdas revolucionárias.

Apesar de nossas discordâncias, fazemos um chamado pela reconstrução do campo da oposição de esquerda na UNE que unifique ao lado de estudantes independentes os setores que se colocam na oposição de esquerda ao governo federal: nós do Já Basta!/SoB, Vamos à Luta/CST, Rebeldia/PSTU e Faísca/MRT. Este é um primeiro passo para construir e fortalecer um polo independente de luta contra os ataques do governo Lula-Alckmin e de frontal enfrentamento à extrema direita a nível local e nacional!

Torna-se necessário refundar o movimento estudantil na USP e em todas as universidades, com base na construção de entidades estudantis anticapitalistas e independentes das burocracias, reitorias e governos e construir as lutas concretas a partir de um programa concreto e anticapitalista para a universidade!

- Por um movimento estudantil independente dos governos, patrões e burocracias e aliado aos trabalhadores!
- Pela reconstrução da oposição de esquerda da UNE!
- Por assembleias gerais e de curso democráticas, periódicas construídas pela base! Pela realização de plenárias dos 3 setores (estudantes, docentes e funcionários efetivos e terceirizados)!
- Pela convocação de um Congresso dos estudantes da USP!
- Pela realização de um Censo na USP!
- Por um DCE proporcional, com todas as chapas compondo a gestão e expressando proporcionalmente os votos dos estudantes na base!



QUEM FOI MATAPACOS?

Negro Matapacos foi um cachorro que se tornou símbolo das manifestações massivas e ocupações em defesa da educação no Chile - 2011. O camarada de quatro patas acompanhava as marchas e protegia os manifestantes da repressão policial. Com a memória deste perro valiente, queremos que este boletim seja uma ferramenta para a luta contra a extrema direita e os capitalistas, ecoando um grito - ou latido - de resistência nas ruas para a construção de um mundo livre de todas as formas de exploração e opressão!

CONSTRUA UMA CHAPA DE LUTA CONOSCO PARA AS ELEIÇÕES DO DCE!

POR UMA JUVENTUDE ANTICAPITALISTA E REVOLUCIONÁRIA PARA DERROTAR O IMPERIALISMO E A EXTREMA DIREITA!

19 99794-1012 (MARIA)



BOLETIM



Já Basta!

Socialismo ou Barbárie

SoB

MATAPACOS
UMA PUBLICAÇÃO DA JUVENTUDE JÁ BASTA!

AGOSTO/2025

POR UMA
UNIVERSIDADE
ANTICAPITALISTA!
DENTRO E FORA DA UNIVERSIDADE, ORGANIZAR
A JUVENTUDE PARA TRANSFORMAR TUDO!



FRENTE A NOVA ETAPA DO
CAPITALISMO, REFORMAR ESTE
SISTEMA É UMA UTOPIA REACIONÁRIA!

NOS SIGA!



@JA.BASTA



ESQUERDAWEB.COM





POR UMA UNIVERSIDADE ANTICAPITALISTA!

MANIFESTO PROGRAMÁTICO DA JUVENTUDE JÁ BASTA! E ESTUDANTES INDEPENDENTES!

Diante de um cenário de grandes desafios, mas enormes possibilidades para luta, apresentamos este manifesto programático construído pelo Já Basta! – Juventude Anticapitalista e estudantes independentes para apontar saídas concretas e anticapitalistas para derrotar o projeto educacional racista e elitista e construir uma universidade verdadeiramente pública como nós queremos! Frente a necessidade de organizar a luta e de apresentar nas eleições para o DCE Livre da USP Alexandre Vannucchi Leme que acontecerá nos dias 9, 10 e 11 de setembro um programa à altura dos desafios que temos, fazemos um chamado aberto a todes es estudantes, trabalhadoras e professoras para seguir somando na construção desse manifesto e defender esta perspectiva conosco!

A UNIVERSIDADE DIANTE DE UM MUNDO EM CHAMAS

Sob uma nova etapa de luta de classes, a juventude e as novas gerações trabalhadoras trazem consigo o desafio de transformar pela raiz a realidade que enfrentamos dentro e fora dos muros da universidade. Vivemos uma crise estratégica do capitalismo que atualiza no século XXI uma época de guerras, crises e possíveis revoluções, combinando velhos e novos dilemas.

Essa etapa da luta de classes é marcada pelo acirramento das disputas entre as potências capitalistas e pelo retorno do ímpeto imperialista de dominação militar, territorial, colonialista e genocida. Como expressão máxima da brutalidade, enfrentamos a escalada do genocídio perpetrado pelo governo fascista de Benjamin Netanyahu contra o povo palestino que, heroicamente, resiste há décadas de ocupação sionista.

Com fôlego à nível global, temos o desafio de enfrentar pelas ruas a extrema direita ultrarreacionária. Para além de sua política de ataques aos direitos, este setor simboliza uma grave ameaça às liberdades democráticas dos trabalhadoras e trava uma verdadeira cruzada obscurantista contra a universidade, por esta sintetizar reais entraves sociais ao seu objetivo ultrarreacionário: o livre exercício do pensamento crítico, a expressão da diversidade sexual e de gênero e a organização política e militante das novas gerações. Não é à toa que Trump

elegeu as universidades, que protagonizaram um levante estudantil em solidariedade à Palestina, como alvo prioritário de sua ofensiva autoritária anti-imigração.

Entretanto, esta conjuntura política girada à direita tem, dialeticamente, se desdobrado em importantes processos de luta dos de baixo como a semi-rebelião protagonizada pela população latina em Los Angeles contra Trump e o gigantesco Bregue dos Apps que paralisou as ruas de nosso país contra a sanha super exploradora das plataformas.

Como remédio eleitoral contra a extrema direita, o reformismo conciliador de classes , cada vez mais propulsor de contrarreformas, fracassa (mais uma vez) ao tentar viabilizar uma utopia reacionária: aposta suas fichas em humanizar um sistema de barbárie, querendo mediar interesses com uma classe exploradora e opressora que não admite qualquer tipo de direitos aos nossos.

Em nosso país, a falência do governo liberal-social de Lula-Alckmin é um enorme exemplo disso. Por sua natureza de governo burguês de conciliação de classes, mantém todas as contrarreformas de Temer e Bolsonaro e aplica seus próprios ataques, como é o caso do Arcabouço Fiscal e o maior Plano Safra da história ao agro ecocida. Para garantir o trilionário pagamento da dívida pública que abocanha mais da metade do orçamento federal, a política fiscal do governo estrangula a educação e os serviços públicos.

Diante de Bolsonaro e de alguns de seus aliados no banco dos réus, uma oportunidade chave para enfrentar a extrema direita e romper com o ciclo histórico de anistia, a esquerda da ordem de PT e do PSOL, se apoia no judiciário burguês e não chama qualquer processo de mobilização real para garantir a prisão e punição categórica aos golpistas. Por outro lado, o economicismo sectário de setores da esquerda independente como Faisca/MRT e Rebeldia/PSTU também representa um entrave à luta, já que perde de vista o peso da extrema direita na atual conjuntura e não aposta na luta direta em unidade de ação pela prisão dos golpistas e contra todo o entulho da ditadura burgo militar como as polícias e tribunais militares.

Favorito a substituir Bolsonaro na linha de frente da extrema direita, Tarcísio de Freitas (Republicanos) governa São Paulo em uma franca ofensiva ao lado do prefeito Ricardo Nunes (MDB). Essa aliança ultrarreacionária tem levado adiante um projeto de privatização massiva dos serviços públicos como o metrô e CPTM, leilão de escolas públicas à iniciativa privada e acentuação da violência policial e dos massacres contra a juventude negra e periférica.

Responsável por indicar a próxima reitoria da USP este ano, o governador, ao lado da atual gestão dirigida por Carlos Carlotti e Maria Arminda, realiza brutais ataques à comunidade universitária como o corte de mais da metade das bolsas de permanência estudantil! Para derrotar Tarcísio, Nunes e a reitoria, é fundamental unificar as lutas dentro e fora da universidade a partir de assembleias democráticas e espaços unificados entre as categorias! Nenhum minuto de paz para a extrema direita!

- Às ruas pela revogação do Arcabouço Fiscal! Nenhum centavo para o pagamento fraudulento da dívida pública aos banqueiros e empresários!
- Fim das isenções tributárias aos grandes empresários! Pela taxaão das grandes fortunas e heranças!
- Pela revogação integral do Novo Ensino Médio e do Ensino à Distância! Pela revogação de todas as contrarreformas e privatizações!
- Tomar as ruas pela prisão de Bolsonaro e todos os golpistas de hoje e ontem! Fim da Lei de Anistia, tribunais e polícias militares! Pela expropriação dos financiadores do golpe!
- Basta de genocídio em Gaza! Por um plano de lutas pela ruptura imediata das relações acadêmicas, diplomáticas e econômicas com Israel! Basta de cumplicidade do governo Lula-Alckmin! Por uma Palestina livre, única, laica e socialista!
- Chega de chacinas! Justiça para a Baixada Santista e todas as vítimas do extermínio policial! Fora Nunes! Fora Tarcísio e Derrite!

- Fim da escala 6x1, por uma jornada de 30h semanais sem redução salarial já!
- Nem presas, nem mortas! Por uma campanha nacional pelo aborto legal, seguro e gratuito nos hospitais!
- Abaixo o PL da Devastação! Pelo fim do Plano Safra! Por uma reforma agrária radical!

VIRAR A USP DO AVESSO!

Considerada “a melhor universidade da América Latina”, a USP esconde, por trás de seus cínicos slogans de excelência, uma política racista, elitista e produtivista desde a sua fundação em janeiro de 1934. Como produto direto da austeridade fiscal capitalista, da lógica tecnocrata e do projeto anti-ciência da extrema direita que governa o estado, esta realidade de exclusão e precarização só tem se aprofundado. A atual reitoria de Carlos Carlotti e Maria Arminda é aliada de Tarcísio de Freitas e dirige a USP servindo para a continuidade deste projeto. Esta gestão leva adiante uma política de contratação de professorias completamente insuficiente e uma ofensiva racista e higienista contra a permanência estudantil. Basta de elitismo e exclusão, é preciso derrotar esta reitoria higienista e autoritária!

Se não fosse a greve estudantil de setembro de 2023, construída à revelia da política do DCE dirigido pelo Correnteza/UP, Juntos/MES e UJC/PCBR, estaríamos diante de um déficit docente ainda mais dramático. Fruto da greve, conquistamos o adiantamento de até 2025 da recomposição das perdas desde 2014 e a contratação de 148 docentes temporários a mais até o final de 2024. Após quase dois anos, a reitoria não cumpriu todas as contratações prometidas para 2024 e muitas vagas docentes ainda se encontram em estágio de concurso ou até mesmo congeladas.

Diante deste cenário, para virar a universidade do avesso e transformá-la pela raiz, é preciso apostar na luta direta e independente dos estudantes de dentro e fora da universidade. Luta essa que deve ser realizada em unidade com es trabalhadoras e docentes a partir de medidas concretas e anticapitalistas para garantir as nossas demandas sem nenhuma confiança na reitoria e nos governos dos patrões!

DERRUBAR OS PORTÕES DA UNIVERSIDADE COM A NOSSA LUTA!

Criada em seu princípio para atender os filhos do baronato paulista, a USP sempre teve como eixo ser uma instituição de ensino de excelência para as elites minoritárias. Em seu mecanismo de acesso, ela institui vestibulares de ingresso (FUVEST, ENEM-USP e Provão Paulista) que funcionam como filtros sociais e raciais para impedir o ingresso das massas trabalhadoras. Somente após a luta unificada do movimento negro, estudantil, indígena e de trabalhadoras da universidade, se conquistou tardiamente em 2017 as cotas PPI. Uma importante vitória sobre a burocracia universitária da vanguarda do atraso!

Nós queremos mais, queremos derrubar os portões da universidade! Este primeiro semestre foi marcado pelas mobilizações por cotas trans, permanência e vestibular indígena. No entanto, a luta foi absorvida por promessas de reuniões e GTs entre a atual gestão do DCE (Correnteza/UP e Juntos/MES) e a pró-reitoria. É uma tarefa imediata e central lutar pelo ingresso de pessoas trans e indígenas na USP, mas também, pela permanência desses estudantes, com auxílios com piso de um salário mínimo paulista e moradia para toda a demanda. É preciso lutar em unidade com o movimento trans e coletivos LGBTQIAPN+ de dentro e fora da universidade, movimento indígena, negro e de trabalhadoras para arrancarmos medidas concretas!

Promessas não são vitórias, por uma campanha massiva por cotas trans na USP já rumo ao fim do vestibular! A partir da nossa luta independente, temos que romper os portões da universidade para que ela possa ser ocupada pelas massas trabalhadoras e todo o conjunto des explorades e oprimides!

- Não queremos ser objeto de pesquisa, mas sim ser estudantes e pesquisadores! Por cotas trans e PCDs já!
- Pela ampliação e democratização do acesso, por vestibular indígena já!
- Basta de filtros racistas e elitistas! Pelo fim do vestibular!
- Pela gratuidade imediata da inscrição para todos os vestibulares!
- Pela ampliação das frotas e passe livre nos circulares!
- Abaixo a aplicação do ENADE!
- Por uma universidade verdadeiramente pública, laica, de qualidade e à serviço da classe trabalhadora!

ENTRAR, PERMANECER E SE FORMAR!

Os constantes ataques da reitoria da USP vão muito além do sucateamento dos cursos. Atingem diretamente o direito à permanência estudantil, tornando insustentável a vida universitária para milhares de alunes. O corte dos auxílios pela PRIP, a falta de transparência nos critérios de concessão, o abandono do CRUSP, o fechamento de creches e a perseguição política contra estudantes organizados revelam um projeto higienista que quer expulsar a juventude negra e trabalhadora que conseguiu ingressar na universidade nos últimos anos. As bolsas de permanência, como o PAPFE, não dão conta da realidade: mesmo após reformulações, o valor máximo de R\$850,00 e parcial de R\$320,00 são totalmente insuficientes diante do custo de vida em São Paulo. O CRUSP, único espaço de moradia estudantil da USP, simboliza o abandono: além da crônica falta de vagas e estrutura precária, a moradia é alvo de retaliações políticas, com cortes de auxílio e processos administrativos contra moradores ativistas.

- Nenhum estudante a menos! Por auxílios-permanência para toda a demanda com piso de um salário mínimo paulista (R\$1.804,00)!
- Despejo zero no CRUSP! Contra o controle de acesso nos blocos! Pela devolução dos blocos D, K e L do CRUSP!
- Por uma reforma estrutural planificada por uma comissão independente que atenda toda a demanda por moradia!
- Pela reabertura das creches! Pelo direito às mães de estudar e permanecer na universidade!
- Oferecimento de atendimento psicológico gratuito em todos os campi da USP e divulgação para comunidade universitária!

BASTA DE PRECARIZAÇÃO!

A política de austeridade imposta pela reitoria é uma das expressões mais perversas do projeto de desmonte da USP. Essa estratégia, iniciada sobretudo com o fim do Gatilho Automático de Claros (2010) e a implementação dos Parâmetros de Sustentabilidade (2017) , uma espécie de Teto de Gastos uspiano, congelou admissões, potencializou a privatização. O resultado foi dramático: demissões em massa de funcionáries e o grave sucateamento de setores

como o Hospital Universitário.

Hoje, mesmo diante de um quadro docente absolutamente defasado, a reitoria de Carlos Carlotti mantém a lógica de gestão empresarial: distribui vagas com base em critérios de “mérito” que favorecem alguns poucos cursos e abandonam cursos de pouco interesse ao capital como as humanidades, Obstetrícia, a Escola de Artes Dramáticas e entre outros.

Esse estrangulamento atinge toda a estrutura universitária: Bandejeões privatizados, frota de ônibus deteriorada com atrasos, superlotação e falta de técnicos e servidores em todos os setores. A USP não está apenas sendo sucateada, está sendo cada vez mais gerida para expulsar os que não cabem no projeto elitista, mercantil e autoritário da reitoria e da extrema direita em São Paulo!

- Contratação imediata de toda a demanda docente com a volta do Gatilho Automático de Claros e revogação do Edital de Mérito!

- Pelo fim da terceirização! Contratação imediata de funcionáries e a efetivação de terceirizados sem necessidade de concurso público! Pela efetivação do BUSP para terceirizados!
- Pela estatização sob controle dos trabalhadoras das empresas privadas contratadas pela USP que violam direitos trabalhistas e ambientais!
- Pela reabertura do atendimento do HU para toda a população!
- Pela revogação integral dos Parâmetros de Sustentabilidade, o teto de gastos da USP!
- Contra a reforma produtivista da pós-graduação! Revogação já! Pelo aumento da quantidade e valor das bolsas de ensino, pesquisa e extensão!

POR UMA USP SEM OPRESSÕES!

A realidade de vulnerabilidade é ainda mais severa para estudantes mulheres, negres, PCDs e membros da comunidade LGBTQIAPN+. Em diversos espaços da universidade, a violência de gênero se manifesta de forma constante, sustentada por uma postura institucional e omissa da reitoria. Denúncias de transfobia, misoginia e assédio são recorrentes, ocupando os muros, banheiros e corredores da universidade.

Vivemos um contexto de avanço da extrema direita, marcado pelo aumento da violência de gênero e pela escalada de discursos de ódio que se transformam, cada vez mais, em ações violentas. Também é fundamental cobrar medidas concretas da reitoria: expulsão dos agressores, melhoria na iluminação dos campi, e a formação de comissões independentes, com participação dos coletivos anti-opressão. Somente por meio da organização coletiva e da luta unificada dos estudantes será possível transformar a universidade em um espaço verdadeiramente seguro, plural e livre de violência misógina, racista, lgbtfóbica e capacitista!



ACESSE O QR CODE E LEIA O MANIFESTO NA INTEGRA!

CONTRIBUA COM O BOLETIM MATAPACOS - R\$ 2,00

